



DE PARIS A RECIFE: CAMINHOS DA TRADUÇÃO DE *PERSUASION*, DE JANE AUSTEN, E CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

FROM PARIS TO RECIFE: TRANSLATION PATHS OF
PERSUASION, BY JANE AUSTEN, AND CIRCULATION IN
19TH CENTURY BRAZIL

Maria do Carmo Balbino Galeno¹
Universidade Federal do Pará

Resumo: Em seu estudo intitulado *Circuitos e travessias: o caso de A família Elliot* (2016), Sandra Vasconcelos afirma que *Persuasion* foi o único romance austeniano que circulou no Brasil Oitocentista; a obra, traduzida ao francês e ao português, teve o título transformado em *A família Elliot, ou a inclinação antiga*; em seguida, cruzou o Atlântico rumo ao Brasil e foi anunciada à venda no Rio de Janeiro. Este estudo, cujo objetivo é ampliar o conhecimento acerca da circulação da obra no país, evidencia que em anos anteriores o romance já circulava em um outro lugar. Essa busca foi possível rastreando o romance por meio de pesquisas na hemeroteca digital. Além disso, buscamos apontar um outro romance austeniano que aqui circulou alguns anos antes, em língua inglesa, e as primeiras menções a Jane Austen nos jornais do século XIX e início do século XX, bem como a primeira tradução brasileira de *Orgulho e preconceito*.

Palavras-chave: Século XIX; Tradução livre; Circulação; Brasil; Jane Austen.

Abstract: In her study entitled *Circuitos e travessias: o caso de A família Elliot* (2016), Sandra Vasconcelos states that *Persuasion* was the only Austenian novel that circulated in Brazil in the 19th century; the novel, translated into French and Portuguese, had its title changed to *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, then crossed the Atlantic towards Brazil and was announced for sale in Rio de Janeiro. This study, whose objective is to expand knowledge about the circulation of the work in the country, shows that in previous years the novel was already circulating elsewhere. This search was possible by tracking the novel in the

¹ E-mail: rimcbgaleno@hotmail.com.

Hemeroteca Digital. In addition, we seek to point out another Austenian novel that circulated here a few years earlier, in English, and the first mentions of Jane Austen in newspapers of the 19th and early 20th centuries, as well as the first Brazilian translation of Pride and prejudice.

Keywords: 19th century; Free translation; Circulation; Brazil; Jane Austen.

INTRODUÇÃO

Jane Austen é, indiscutivelmente, passados dois séculos das primeiras publicações de suas obras, um fenômeno de público leitor e de crítica. Este artigo objetiva mostrar o período e a região do Brasil onde ocorreu a primeira circulação do romance *Persuasion*, cuja tradução portuguesa trouxe outro título e autoria anônima. Esse estudo expõe, outrossim, as primeiras resenhas sobre a autora nos periódicos do país e a primeira tradução brasileira de *Orgulho e preconceito*.

Partindo do estudo de Sandra Vasconcelos, *Circuitos e Travessias: o caso de A Família Elliot* (2016), no qual a professora brasileira esclarece como se deu o percurso de *Persuasion*, traduzido para o francês em Paris, em 1821, e para o português em Lisboa, em 1847, sabe-se que, através do comércio livreiro, a obra de Jane Austen foi anunciada para venda em um periódico do Rio de Janeiro. Buscamos investigar, assim, novos lugares e datas a fim de ampliar o conhecimento acerca de sua circulação no Brasil.

Sandra Vasconcelos utiliza o termo “tradução livre” para se referir à noção de tradução naquele contexto; assim, o conceito: “designa uma forma de transposição que se permite cortes e acréscimos e que transmite mais a ideia do que a forma a fim de adequar a obra original aos hábitos dos leitores” (WEINMANN, 2012 *apud* VASCONCELOS, 2016, p. 146-147). Essa adequação se dava porque o público leitor valorizava romances românticos, sentimentais, góticos, melodramáticos, detetivescos e de aventuras do herói. Os tradutores conheciam tanto o gosto do público quanto o estilo irônico da autora; dessa forma, a mudança do título de *Persuasion* para *A família Elliot, ou a inclinação antiga* teve seus propósitos, sendo a

retomada do antigo amor dos protagonistas mais relevante do que o fato de a personagem principal ter sido persuadida, oito anos antes, a romper com seu noivo.

Jane Austen viveu em uma época na qual a educação para meninos e meninas acontecia separadamente. Aos meninos era oferecida uma educação formal que os preparava para uma profissão e, conseqüentemente, sua independência financeira; as meninas, entretanto, eram educadas e preparadas para o casamento. Essa educação diferenciada sustentava a construção sociopatriarcal do homem ativo e racional, e da mulher – mesmo com algumas exceções – infantilizada e submissa.

Mary Wollstonecraft (1759–1797), filósofa inglesa, uma das primeiras vozes feministas, escreveu defendendo a educação formal para meninas e moças em par de igualdade com os meninos e rapazes, pois ambos são criaturas racionais; ela denunciou em *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, publicada em 1792, a situação feminina naquela sociedade: “A primeira e mais importante qualificação em uma mulher é uma boa natureza ou suavidade de caráter” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 113). Suavidade de caráter que se traduz em passividade, característica distante da heroínas austenianas, principalmente Elizabeth Bennet, de *Orgulho e preconceito*. Wollstonecraft exigiu que “a elas deve ser permitido voltar-se para a fonte da luz, e não serem forçadas a guiar o próprio curso pelo cintilar de um mero satélite” (2016, p. 40). Wollstonecraft compara a educação à luz pela qual a mulher tem o direito de ser guiada.

Em *Persuasão* Jane Austen critica, através da protagonista, a sociedade na qual a educação e o poder da escrita sempre estiveram com os homens: “A educação pertenceu-lhes em tão maior grau! A pena esteve em suas mãos” (AUSTEN, 2019, p. 219). É possível observar que as primeiras resenhas de críticos literários brasileiros no final do século XIX e início do XX já evidenciavam a ironia e a subversão em seus romances, o que os aproxima da *Reivindicação* de

Wollstonecraft. É possível, portanto, inferir que essa maneira peculiar de escrever seja um dos motivos de sua crescente popularidade.

Buscamos, portanto, neste artigo evidenciar como *Persuasion*, vertida ao português europeu, foi anunciada em uma província do Brasil, no final da década de 1840, anos antes de aparecer na capital do Império. Destacamos ainda a primeira tradução brasileira de *Pride and prejudice*, um século depois. Para tanto, buscas na Hemeroteca Digital e diálogos com os estudos de Sandra Vasconcelos e Mary Wollstonecraft, além de outras teóricas e críticas, foram essenciais.

1 JANE AUSTEN NO BRASIL: POR ENTRE PISTAS E RASTROS DE A FAMÍLIA ELLIOT, OU A INCLINAÇÃO ANTIGA

A literatura produzida por Jane Austen (1775–1817) possui as marcas do tempo em que ela viveu e dos lugares nos quais ela morou, além de toques requintados de ironia e resistência da voz feminina. Contudo, sua recepção na Inglaterra e no Brasil oitocentista passou por um certo apagamento durante boa parte da Era Vitoriana (1837–1901), ressurgindo no século XX através de escritoras feministas, destacando-se Beauvoir, Guilbert e Gubar, dentre outras. Assim, podemos afirmar que Austen de alguma forma esteve sempre à frente do seu tempo, visto que seus romances, na atualidade, têm ganhando destaque crescente.

É nesse contexto de luta pelos direitos das mulheres na Europa e no Brasil que Jane Austen e outras escritoras do passado reaparecem na cena literária. Assim, *Pride and prejudice* (1813) é traduzido pela primeira vez para o português brasileiro como *Orgulho e preconceito* (1940) e aparece nos anúncios de venda nos jornais; logo os outros romances da autora o seguiriam no caminho da tradução. Entretanto, antes de ser traduzida para o português do Brasil, Austen era conhecida dos intelectuais brasileiros que escreviam nas páginas literárias dos periódicos dos finais do século XIX sobre o sucesso do gênero romance. E, antes

de ser traduzida no país, Austen circulava em meados do Oitocentos através de uma “tradução livre” portuguesa de *Persuasion*, publicado postumamente em 1818, juntamente com *Northanger Abbey*.

Persuasão narra a história de Anne Elliot, uma moça sensível e triste na idade de vinte e sete anos que foi persuadida por sua melhor amiga, Lady Russel, e também por sua família, a desfazer seu noivado, pois o rapaz, Frederick Wentworth, era pobre. Seu pai e suas irmãs são vaidosos, dado que seus ancestrais eram nobres, mas dessa nobreza restou apenas o título, visto que estão sem dinheiro e por isso devem deixar a mansão Kellynch Hall, que será alugada para o almirante Croft, casado com a irmã do antigo amor de Anne. A família Elliot então se muda para a cidade de Bath.

Entre o rompimento do noivado e a volta de Wentworth, oito anos se passam e, durante esse período, eles continuam amando-se, mas em segredo. O jovem Wentworth se torna um capitão respeitado na Marinha britânica. Anne, porém, continua solitária no meio de sua família que praticamente a ignora. Sua mãe já está morta e seu pai, Sir Walter Elliot, só enxerga sua irmã mais velha, Elizabeth; Mary, a filha mais nova, já está casada, tem filhos e sempre chama Anne, filha do meio, para ajudá-la com as crianças. De acordo com a narradora:

Elizabeth já herdara, aos 16 anos, tudo o que era possível de direitos e da importância de sua mãe; e, sendo muito bonita e muito parecida com ele, sua influência fora sempre grande e se deram da melhor maneira possível. As outras duas filhas foram relegadas a segundo plano. Mary adquirira certa falsa importância ao se tornar sra. Charles Musgrove, mas Anne, cuja delicadeza de espírito e suavidade de temperamento a teriam valorizado entre pessoas de real discernimento, nada representava para o pai e a irmã – suas palavras tinham o menor peso; sempre cedia no que lhe convinha. Era apenas Anne (AUSTEN, 2019, p. 15).

Se observarmos o romance superficialmente, *Persuasão* parece ser apenas uma obra romântica carregada de sentimentalismos, pois sua trama gira em torno do casal protagonista com a possibilidade de retomar o antigo amor. No

entanto, o enredo traz vários discursos com vozes femininas mostrando como a narradora estava atenta às mudanças na sociedade e vê nessas mudanças a possibilidade de maior liberdade para as figuras femininas.

Pela forma como a voz narrativa apresenta a heroína e suas irmãs, o leitor compreende que há uma entre elas que é a preferida por parte do pai. Inclusive, o próprio pai é um homem vaidoso, apresentado como Sir Walter Elliot, dono da ideia de que possui uma grande beleza, o que é motivo de orgulho para ele, que julga a todos pelos próprios padrões. A voz narrativa começa o livro de maneira a não deixar dúvida sobre a crítica ao preconceito por conta das aparências. É neste ponto que reside a primeira ironia corrosiva de Austen, quando mostra que toda a pompa dos Elliots não passa de aparência, uma vez que a família tem apenas o título de baronato, mas não tem dinheiro para sustentar esse status.

Nesse sentido, trazemos à conversa Alexandre M. da Silva (2006), ao discorrer sobre as classificações literárias: “No caso de Austen a dúvida é: ela era romântica ou realista? Devido a essa discussão, até pouco tempo a sua obra era ignorada” (SILVA, 2006, p. 213). Silva concorda com o crítico britânico Anthony Burgess quanto à singularidade de Austen em não pertencer fixamente a nenhuma classificação porque tem traços de todas elas: seus romances são românticos, pois sempre têm casamentos, contudo, não são melodramáticos, ao contrário, trazem ironia e sarcasmo; também são realistas por refletirem o momento histórico em que as mulheres estavam buscando o direito à educação e ao casamento por amor, não por imposição. Segundo Burgess (2005), Jane Austen: “está acima dos movimentos clássico e romântico; em um certo sentido preenche a lacuna entre os séculos XVIII e XIX, mas não pode ser enquadrada em nenhum grupo – ela é única” (BURGESS, 2005, p. 209). De modo geral, Austen se destaca no romance inglês porque suas obras trazem marcas neoclássicas, românticas e realistas.

Pontuar essas características da escrita literária austeniana auxilia na compreensão de alguns aspectos da “tradução livre” de *Persuasion*, no Oitocentos, que evidenciou de forma exagerada o aspecto romântico sentimental e o estereótipo da mulher frágil, em detrimento à sutil reivindicação de direitos femininos, na voz de personagens como a sra. Croft quando, ao ouvir seu irmão falar que não concorda com mulheres a bordo de um navio, lhe responde. Na versão original:

Oh Frederick! – But I cannot believe it of you. – All idle refinement! – Women may be as comfortable on board, as in the best house in England. I believe I have lived as much on board as most women, and I know nothing superior to the accommodations of a man of war (AUSTEN, 2003, p. 64).

A tradução para o português europeu², por Manuel de Araújo, assim ficou:

– Vamos, Frederico, lhe disse sua amável irmã. Não refletas no que estais dizendo; sabeis muito bem que as mulheres, quando não são das meninas de nervos delicados podem estar tanto a sua vontade num navio como na melhor casa. Julgo que tenho andado no mar mais do que mulher alguma; devo saber o que é isso, e declaro que não conheço nada em terra, que seja superior ao sossego e às comodidades, que podem achar-se em uma embarcação de guerra (AUSTEN, 1847, Tomo I, p. 161).

E a primeira tradução de Luiza Lobo, do inglês para o português brasileiro:

- Ah, Frederick! Não posso crê-lo. Tudo isso não passa de uma vã polidez! As mulheres podem ter tanto conforto a bordo como na melhor casa da Inglaterra. Creio, como a maioria das mulheres que estiveram a bordo, que não haja nada que se compare aos alojamentos de um navio de guerra (AUSTEN, 2019, p. 72).

Trouxemos esse trecho nas três versões para evidenciar, na tradução portuguesa europeia de 1847, a questão das “meninas de nervos delicados” que

² Atualizamos a grafia original da tradução portuguesa de 1847.

remete à ideologia dominante da época, exposta e denunciada por Mary Wollstonecraft sobre as formas como a sociedade oitocentista educava as meninas e moças. Wollstonecraft critica as convenções sociais que consideravam as mulheres seres infantis e frágeis e, por isso, dependentes da proteção dos homens. Jane Austen não compactua com esse tipo de fragilidade no romance, denunciando inclusive a falta de instrução e oportunidade para as mulheres.

Sobre as primeiras traduções de Jane Austen na Europa, afirma Vasconcelos: “Surpreendentemente, não foi em território francês, no entanto, mas em Genebra que os romances de Austen circularam em outra língua, que não o inglês, pela primeira vez” (VASCONCELOS, 2016, p. 140). A Suíça naquele período histórico queria contestar o poder imperialista de Napoleão Bonaparte e dentre outros artifícios utilizava a literatura para atingir esse fim traduzindo romances da Inglaterra, que, na opinião dos suíços, tinha uma literatura superior à literatura francesa.

Jane Austen foi traduzida e circulou na Suíça já em 1813, ano em que *Orgulho e preconceito* foi publicado em Londres. De acordo com Sandra Vasconcelos, “o periódico mensal suíço *Bibliothèque Britannique* (*Bibliothèque Universelle* após 1816) foi o responsável pela publicação de *Pride and Prejudice*” (2016, p. 140). Não era a tradução da obra completa, e sim excertos que melhor se adequavam aos objetivos do jornal que, segundo Vasconcelos, todos consideravam um símbolo da anglofilia genebrina. Segundo a mesma pesquisadora, o periódico recebia as novidades de Londres e traduzia as passagens literárias que mais correspondiam às intenções da revista: “É provável que tenha sido nesse periódico que Isabelle de Montolieu tomou conhecimento de Jane Austen, cujo *Pride and Prejudice*, de acordo com os editores, havia obtido boa recepção junto ao público” (VASCONCELOS, 2016, p. 142)³.

³ Madame Isabelle de Montolieu (1751–1832) era uma baronesa, viúva do barão Louis de Montolieu. Ela foi considerada a rainha da literatura francesa em sua época porque além de escrever romances, traduzia muitos outros. Ao conhecer partes da obra de Austen, possivelmente

Conforme a mesma pesquisa, das obras de Jane Austen traduzidas do inglês para o francês, apenas *La famille Elliot, ou L'ancienne inclination* caiu nas graças do tradutor português Manuel Pinto Coelho Cota (ou Cotta) de Araújo (M.P.C.C. d'A), a qual após ser traduzida sob o título de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, foi publicada pela Tipografia Rollandiana, de Francisco Rolland, em Lisboa, em 1847. Vale observar que na tradução francesa Montolieu exibe o nome de Jane Austen, mas a versão portuguesa chega ao Brasil sem indicação de autoria. De acordo com Vasconcelos:

É no catálogo da tipografia que vamos encontrar a referência a esse romance de Austen, o único dela traduzido para o português no século XIX. Ali, não há nenhuma pista de que é de Austen que se trata [...]. A única pista que permite puxar o fio e desvendar o pequeno mistério da autoria desse título é fornecida pela escolha do tradutor português de acompanhar Montolieu na sua decisão de substituir o original, que pareceu a ela “vago demais em francês”, porque não julgava que indicasse “o conjunto da situação” (VASCONCELOS, 2016, p. 153).

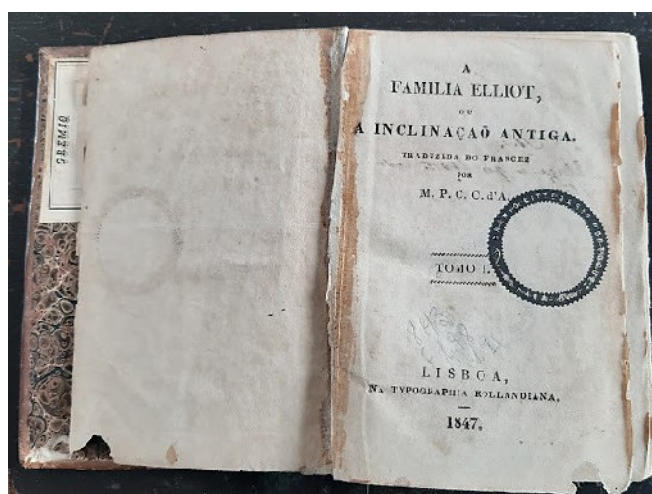
Com a roupagem de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, *Persuasion* torna-se uma das muitas obras traduzidas do inglês para o francês e depois para o português a fim de abastecer os Gabinetes de Leitura do Brasil ainda no Oitocentos. Esse foi o caminho da tradução de *Persuasion*: vertida para o francês na Arthus Bertrand Libraire, em Paris/França, seguiu para a Typographia Rollandiana em Lisboa/Portugal para ser traduzida ao português e em seguida atravessar o Atlântico a fim de ser prestigiada pelo público leitor do Brasil, familiarizado, de uma certa forma, à literatura traduzida. De acordo com Tassiane Santos (2022): “As traduções de romances ingleses que chegavam ao

por meio do periódico suíço, Montolieu entra em contato com os romances originais e traduz o texto integral de *Sense and sensibility* e o intitula *Raison et sensibilité, ou les deux manières d'aimer*; e *Persuasion* (obra que aqui nos interessa), mudando o título para *La famille Elliot, ou L'ancienne inclination*, editado e publicado por Arthus-Bertrand em Paris em 1821 e em 1828. Vasconcelos (2016) chama a atenção para o universo novelístico de Montolieu que é o romance sentimental francês, fato que determinou, na “tradução livre”, o abrandamento da ironia austeniana.

Brasil demonstram as trocas literárias que ocorriam entre Inglaterra, França e Portugal” (SANTOS, 2022, p. 13).

Vasconcelos (2016) afirma que *Persuasion*, traduzida ao português, foi a única obra de Jane Austen a circular no Brasil do século XIX. Essa constatação foi possível ao pesquisar os anúncios de vendas de livros no *Diário do Rio de Janeiro*. Segundo a pesquisadora, a obra foi noticiada: “Nas edições de 22 de novembro e de 19 de dezembro de 1854 do *Diário do Rio de Janeiro*, entre as dezenas de romances que o editor-livreiro francês B. L. Garnier anunciava no seu catálogo” (VASCONCELOS, 2016, p. 135). Em suas palavras: “Essa foi a Austen que chegou ao Rio de Janeiro [...], para depois ir compor o acervo do Gabinete Português de Leitura, da Biblioteca Fluminense, do Gabinete Português de Leitura do Pará e da Biblioteca Rio-Grandense” (2016, p. 154). O exemplar da figura a seguir pertence ao acervo da Biblioteca Fran Paxeco, mantida pelo Grêmio Literário e Recreativo Português, em Belém do Pará, e foi adquirido por compra em 1869, por Antônio Maria Pereira.

Fig. 1: Folha de rosto do tomo I de *A Família Elliot, ou a inclinação antiga*, 1847



Fonte: De autoria própria, 10/2022 – Acervo do Grêmio Literário Recreativo Português/PA⁴

⁴ Agradecemos à senhora Maria de Nazaré Góes Ataíde Filha, funcionária da Biblioteca do Grêmio Literário em Belém/PA, pela gentileza em ceder a obra *A família Elliot, ou a inclinação antiga* para nosso manuseio e pesquisa.

A respeito do Grêmio Literário Português afirma Augusti *apud* Santos (2022):

Em 1867, o Grêmio Literário Português foi fundado em Belém por imigrantes portugueses e se estabeleceu como um centro cultural na capital da Província do Pará. A constituição de seu acervo se deu sobretudo por meio da relação comercial estabelecida entre o livreiro português Antônio Maria Pereira e a diretoria do gabinete, razão pela qual boa parte de seus exemplares são de romances de autores que notadamente faziam sucesso na Europa (AUGUSTI, 2009 *apud* SANTOS, 2022, p. 13-14).

Vasconcelos aponta que a primeira notícia dessa obra austeniana no Brasil é do ano de 1854. Entretanto, ao rastreamos os periódicos da Hemeroteca Digital on-line, recuando no tempo e utilizando os marcadores “A família Elliot” e “a inclinação antiga”, foi possível descobrir que, no ano de 1848, Austen já estava sendo anunciada em Recife/PE. Essa informação consta no anúncio de vendas de livros no Jornal *Diário de Pernambuco*, no dia 15 de novembro do referido ano.

O anúncio informa que a obra está à venda na “livraria da esquina do Collegio (*sic*)”. Portanto, é possível supor que o percurso da obra levou exatamente trinta anos entre a primeira publicação em Londres (1818), até chegar a Recife (1848), capital da província nordestina de Pernambuco⁵.

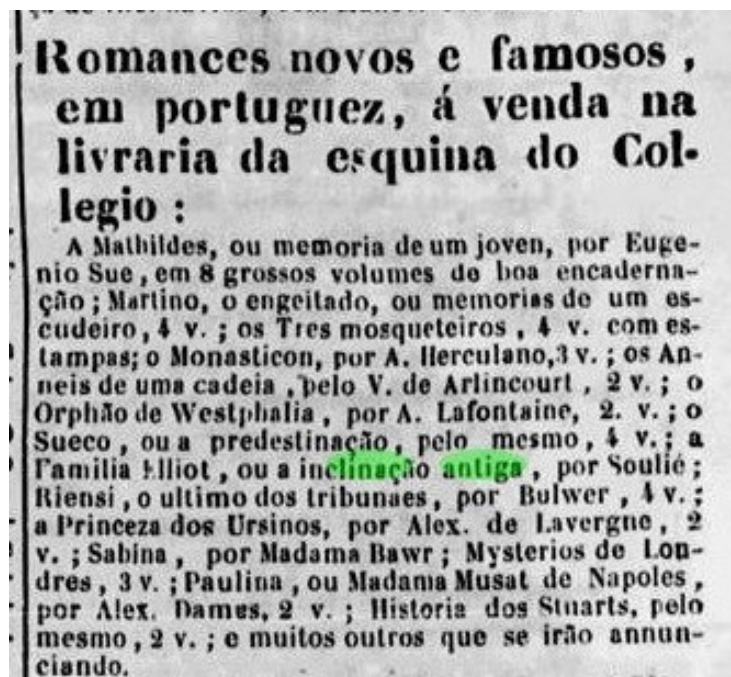
A livraria da esquina do Collegio, no Recife de meados do século XIX, de acordo com Danielle Lacerda (2021), era uma das muitas livrarias presentes na capital pernambucana naquele período. Lacerda afirma que a capital da província de Pernambuco tinha livrarias tão importantes quanto o Rio de Janeiro na mesma época:

⁵ Ao constarmos essa informação entramos em contato, via e-mail, com o Gabinete de Leitura de Pernambuco e logo obtivemos resposta informando que, atualmente, não há essa obra nas suas estantes. Vasconcelos em sua pesquisa informa que o exemplar que havia no Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro se perdeu, restando apenas aquele do Rio Grande do Sul. É possível, portanto, inferir que há apenas dois exemplares nos Gabinetes de Leitura do país: um no Rio Grande do Sul e outro em Belém do Pará.

No caso dos livreiros estabelecidos em Recife, observa-se uma predisposição a se organizar em espaço que mantivessem próximos. Neste caso, a antiga a **Rua do Collegio**, atual Rua do Imperador d. Pedro II, havia se tornado um espaço centralizador de negócios relacionados às livrarias e tipografias, também conhecida como “rua da imprensa”. Basta observar a concentração de livrarias nesta região. Semelhante à famosa Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, reconhecida pela sua elegância e pela profusão de comerciantes franceses, também se destacava pela concentração de livreiros, encadernadores e tipografias” (LACERDA, 2021, p. 7 – grifo nosso).

A imagem a seguir mostra o primeiro anúncio de venda de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, juntamente com vários outros romances, na capital pernambucana.

Fig. 2: Primeiro anúncio de venda de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 15 de novembro de 1848, ed. 00256, p. 3

Hemeroteca Digital Brasileira – Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_02&pesq=%22a%20inclina%C3%A7%C3%A3o%20antiga%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=11002]

Acesso em: 28/12/2022.

Acerca da circulação de obras literárias na província de Pernambuco, Lacerda (2021) demonstra que não somente o Rio tinha o monopólio das obras

que aqui chegavam, pois, nomes como João Cardoso Ayres, português vindo da região do Minho, era ligado ao comércio de livros. Quando ele morre, em 1844, seus filhos Manuel e José Cardoso Ayres levam adiante o negócio livreiro. Contudo, em 1871, a loja de livros sofre um incêndio e a família sai ilesa, mas o mesmo não se pode dizer dos livros. De acordo com Lacerda, devido a esse trágico acontecimento, muitas perguntas ficam em suspenso. Por ora, interessa-nos a possibilidade de considerar que a obra de Jane Austen pode ter sido primeiramente vendida no estabelecimento desse livreiro, comerciante que tinha contato direto com Lisboa.

Após o anúncio no *Diário de Pernambuco* em 1848, a obra passou por um período de anonimato. Em março de 1851 ela reaparece no mesmo jornal.

Fig. 3: Segundo anúncio de venda de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*

Romances modernos	
Memorias d'um medico por Alexandre Dumas : segunda edição, traduzida em portuguez em 15 tomos encadernados	20,000
O conde de Monte-Christo por Alexandre Dumas encadernado	13,000
A Moreninha : terceira edição, ornada com lindas estampas e a musica para piano e canto da ballada cantada pela Moreninha no rachado : 1 vol. nitidamente impresso	4,000
O Monasticou por A. Herculano	5,000
O Ante-Christo : 2 vol. 1849	6,000
O Sitio da Rochella ou o infortunio e a consciencia, 2 vol.	5,000
A Familia Elliot ou a inclinação antiga 2 vol. 1847 encad.	5,000
A Fonte de Santa-Catherina, 4 vol.	8,000
A Gorgonhe : traduzido pelo senador Vasconcellos, 4 vol.	3,000
Os Misterios do Povo por Eugenie Sue : 6 vol.	5,000
Vendem-se no pateo do Collegio, casa do Livro Azul.	

Fonte: *Diário de Pernambuco*, 13 de março de 1851, ed. 0060, p. 4

Hemeroteca Digital Brasileira – Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_03&pasta=ano%20185&pesq=%22a%20inclina%C3%A7%C3%A3o%20antiga%22&pagfis=1432] Acesso em: 28/12/2022.

Em agosto do mesmo ano (1851), o anúncio ocorre pela primeira vez, no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, pela livraria Garnier; em 1854 *A família Elliot, ou a inclinação antiga* aparecerá nos anúncios do *Diário do Rio de Janeiro*, informação que se encontra na pesquisa de Vasconcelos (2016). Dessa forma, observa-se pelas datas nos anúncios dos jornais, que o comércio livreiro do Rio de Janeiro recebeu essa obra de Jane Austen depois de ser anunciada e vendida em Recife/PE. Pode-se inferir, portanto, que esse romance austeniano, traduzido ao português europeu, chega ao Brasil primeiramente no Nordeste e não no Sudeste. Segundo Lacerda (2021), ao discorrer sobre o comércio livreiro no Oitocentos:

Os anúncios demonstram ainda as redes de conexão destes livreiros com mercados editoriais europeus. Em contraponto ao senso comum de que os leitores pernambucanos ficavam à mercê dos livreiros do Rio de Janeiro, então centro político, econômico e cultural importante por se tratar do município-sede da Corte Imperial, nota-se o fluxo constante de livros que chegavam direto da Europa, principalmente de Portugal e França. Recife parecia fazer parte das rotas internacionais do livro, demonstrando que as lojas de livro abasteciam suas estantes com obras recentes e clássicas (LACERDA, 2021, p. 1-2).

Ainda de acordo com Lacerda:

estudos realizados sobre os livros que circulavam no século XVIII no Rio de Janeiro, empreendido por Márcia Abreu (2010), assim como na pesquisa da historiadora Gilda Verri (2005) sobre a circulação de livros no Recife refutam a imagem negativa de pouco interesse cultural pelos brasileiros deixada em relatos de viajantes como o inglês John Luccock e Henry Koster que estiveram no Brasil nos princípios do século XIX (LACERDA, 2021, p. 7).

É a partir do final da década de 1840, portanto, que *A família Elliot, ou a inclinação antiga* surge no cenário literário brasileiro. Na Hemeroteca Digital podemos conferir os lugares e datas em que a obra circulou, sendo anunciada à venda primeiramente em Pernambuco (*Diário de Pernambuco*, 1848, 1851), em

seguida no Rio de Janeiro (*Jornal do Comércio*, 1851, 1853; *Diário do Rio de Janeiro*, 1854, 1855; *Revista Collecção de Modinhas Brasileiras*, 1872; *Catálogo de livros em 1ª Lei: Estabelecendo o modo e as condições do recrutamento para o Exército da Armada*, 1875) e São Paulo (*Folhinha Civil e eclesiástica*, 1861, 1862, publicada no Rio e distribuída para o bispado de São Paulo e Mariana). Vejamos a seguinte tabela:

Tabela: Jornais, locais e datas em que houve anúncios de venda de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* no Brasil do Oitocentos

Jornal/Revista/Catálogo	Estabelecimento/Endereço	Cidade/Estado	Data
<i>Diário de Pernambuco</i>	Livraria da esquina do Colégio	Recife/PE	1848 e 1851
<i>Jornal do Commercio</i>	Livraria Garnier - Rua do Ouvidor, nº 69	Rio de Janeiro/RJ	1851 e 1853
<i>Diário do Rio de Janeiro</i>	Livraria Garnier - Rua do Ouvidor, nº 69	Rio de Janeiro/RJ	1854 e 1855
<i>Folhinha civil e eclesiástica/Bispados</i>	Publicado e à venda na livraria de Antonio Gonçalves Guimarães & c. ^a . - Rua do Sabão nº 26	Rio de Janeiro/RJ; São Paulo/SP; e Mariana/SP	1861 e 1862
<i>Folhinha para o ano de 1862</i>	A. Gonçalves Guimarães & C. ^a - Rua do Sabão Nº 26	Rio de Janeiro/RJ	1862
<i>Collecção de Modinhas Brasileiras</i>	Livraria de Agostinho Gonçalves Guimarães & c. ^a - Rua do Sabão, nº 26.	Rio de Janeiro/RJ	1872
<i>1ª Lei: Estabelecendo o modo e as condições para o Exército e a Armada</i>	Livraria de Agostinho Gonçalves Guimarães & c. ^a . - Rua do Sabão Nº 26 (Hoje General Camara nº 22)	Rio de Janeiro/RJ	1875

Fonte dos dados colhidos: Hemeroteca Digital Brasileira

2 PRIMEIRAS REFERÊNCIAS A JANE AUSTEN E À TRADUÇÃO DE *ORGULHO E PRECONCEITO*, NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS

De acordo com alguns estudiosos da literatura inglesa, os romances austenianos foram abafados durante a Era Vitoriana. Segundo Catherine Reef: “Com o avanço do século XIX, os audaciosos romances de Charles Dickens, Charlotte Brontë e outros grandes escritores da Era Vitoriana abafaram a voz sóbria de Jane Austen” (REEF, 2014, p. 211), podendo ser essa uma explicação para o fato de Jane Austen demorar a ser traduzida para o português do Brasil e aparecer na cena literária do país.

Contudo, anos antes da primeira circulação de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* em Recife/Pe, o romance *Emma*, ainda na versão inglesa, foi anunciado à venda no Rio de Janeiro. Essa surpreendente descoberta foi possível utilizando os marcadores “Austen”, “Miss Austen” e “Jane Austen” na Hemeroteca Digital. Sabendo que os romances de sua autoria só tiveram o nome da escritora revelado após sua morte (1817), utilizamos nas buscas os marcadores com seu nome próprio a partir da década de 1820.

Dessa forma foi possível encontrar em dois periódicos do Rio de Janeiro a saber: *A Gazeta dos Tribunaes* no dia 29 de setembro, e *O Jornal do commercio* nos dias 04 e 05 de outubro, ambos os jornais do ano de 1843, o seguinte anúncio: “Livros bons e baratos na Loja de F. Paula Brito”. Entre as obras anunciadas há uma de Austen, em língua inglesa: “Emma: – A Novel. In Two Volumes By Miss Austen”. Portanto, de acordo com os registros da Hemeroteca Digital, é possível supor que estes foram os primeiros anúncios de venda de uma obra austeniana no Brasil na língua original. Encontramos ainda no *Diário de Pernambuco*, no dia 27 de setembro de 1888, o anúncio de venda da obra *Persuasion*, em francês, traduzida do inglês: “Miss Austen, Persuasion Roman traduit de l’anglais par Mme. Latorsay”. A partir desses dados, portanto, concluímos que Jane Austen

circulou no Brasil oitocentista tanto em português europeu, quanto em francês, bem como no original, em inglês.

No dia 18 de janeiro de 1889, por exemplo, o nome Jane Austen aparece em *O Espírito – Santense* (ES), na capital Vitória, em uma notícia sobre o falecimento de Dora d'Istria, pseudônimo da duquesa e escritora feminista romena Helena Ghika (1828–1888) que fulgurava na mesma constelação (*sic*) de Jane Austen. Neste momento, percebe-se que Austen começa a ser reconhecida nos periódicos brasileiros por sua maestria literária na qual evidencia a voz feminina. Outra referência à escritora se encontra no dia 13 de janeiro de 1894 em *A Semana* (RJ), em uma resenha de Araripe Junior (1848–1911), escritor e crítico literário, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que reconhece o gênio literário da romancista britânica, ao lado de Henry Fielding e Charles Dickens.

É no *Jornal do Recife* (PE) que primeiro aparecerá uma referência à Jane Austen como uma escritora feminista, isso no ano de 1909. O exemplo por si só deixa claro que a escritora inglesa, assim como outras escritoras, estavam sendo resgatadas pelo movimento feminista; a redatora da coluna *Colaboração Feminismo*, Maria de Oliveira, faz um apanhado da construção “científica” da época, de que a mulher é intelectualmente inferior ao homem porque seu cérebro é menor e pesa menos que o do homem. Oliveira inicia a discussão refutando essa concepção, mostrando que a luta feminista havia chegado e, portanto, não aceitaria mais declarações preconceituosas. Na metade do texto, a escritora coloca em evidência Jane Austen e seus romances (como se pode ver na figura abaixo) que elevam a voz feminina e finaliza a matéria convocando as mulheres a se colocarem dentro da revolução das ideias.

Fig. 4 – COLLABORAÇÃO – Feminismo – Illustres Redactores (sic)

talmente terá de succumbir. Mas, apesar de tudo, apesar de todas as torturas e privações, o feminismo avança intrepidamente; e, me é grato apontar o nome aureolado de miss Jane Austen a impeccavel autora do *Mansfield Park*, do *Pride and Prejudice*, do *Northanger Abbey* que é para a Grã Bretanha o que George Sand foi para a França—a primeira romancista classica. E como ella nós vemos

Fonte: *Jornal do Recife*, 22 de maio de em 1909, ed. 00113, p. 1

Hemeroteca Digital Brasileira – Disponível em:

[<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22Austen%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=53007>] Acesso em 28/12/2022.

Revolução necessária para desconstruir os valores históricos patriarcais que criaram a mulher sem liberdade, como afirma Silvia Federici: “modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas” (FEDERICI, 2017, p. 205). Dessa forma, o fortalecimento das reivindicações feministas destituiu de seu pedestal esse modelo de mulher passiva e obediente. É nesse contexto que a coluna *Collaboração Feminismo*, do *Jornal do Recife*, cita as obras de Jane Austen e também de outras escritoras, afirmando que apesar de todos os tentáculos patriarcais o “Feminismo avança intrepidamente”.

Jane Austen viveu no mesmo lugar – Inglaterra –, e na mesma época – segunda metade do século XVIII –, que Mary Wollstonecraft. De acordo com os biógrafos da romancista, não se conhece nenhum registro a respeito de que ela tenha lido a *Reinvindicação dos Direitos da Mulher*, de sua conterrânea e contemporânea, contudo, seus seis romances publicados entre 1811 e 1818 são protagonizados por mulheres racionais e há críticas sarcásticas da voz narrativa a certos tipos masculinos. Dessa forma, o leitor atento percebe a nítida e ao

mesmo tempo sutil cumplicidade entre as inglesas. É o que afirma Vasconcelos, em *Uma escultura entalhada em marfim* (2021):

Quando Mary Wollstonecraft publicou seu *Reivindicação dos direitos da Mulher*, em 1792, Jane Austen tinha dezessete anos. Não há provas documentais de que teria lido essa que foi considerada uma das obras inaugurais da literatura feminista. No entanto, dificilmente Austen teria ficado alheia à repercussão das ideias sustentadas por Wollstonecraft em que vinham sendo discutidas melhorias na educação feminina e o lugar e status das mulheres na família. Neste manifesto, que examina a condição feminina na sociedade inglesa da época e se configura como uma vigorosa defesa da mulher como ser racional e autônomo, do seu direito à educação e à igualdade no casamento, encontramos algumas das marcas que caracterizam a voz narrativa dos romances de Austen (VASCONCELOS, 2021, p. 439).

O espaço de toda a literatura de Austen é a Inglaterra, contudo, ao mesmo tempo em que a escritora a exalta como lar querido – fato que incentivará os soldados na I Guerra Mundial a lerem seus romances –, como informa Reef (2014), ela também critica seu país em suas leis patriarcais pelas quais somente os homens são merecedores da herança paterna e a mulher, para não passar necessidades, deve se unir ao homem através do casamento que, na maioria das vezes, é arranjado e sem amor.

Ironicamente, o último romance escrito por Austen - que faz uma crítica ao casamento por interesse - é traduzido livremente para o francês e para o português, com um sabor adocicado e sentimental; Vasconcelos afirma que essas adaptações “vão na contramão da reserva e da racionalidade características da escritora inglesa, na obra de quem não encontramos o derramamento que se ouve aqui na voz de uma Alice (Anne) mais sentimental do que Austen a concebeu” (VASCONCELOS, 2016, p. 153).

De acordo com os críticos, Jane Austen se destacou mais na ironia do que no sentimentalismo. Ela está, cronologicamente, próxima a Wollstonecraft e é

possível que tenha sido influenciada pelos textos seminais de reivindicações feministas. De acordo com Gilbert e Gubar:

Austen faz de seu próprio confinamento uma virtude, como suas heroínas também farão. Ao explorar as próprias convenções que ela expõe como inadequadas, ela demonstra o poder do patriarcado, bem como a ambivalência e o confinamento da mulher escritora. Ela também descobre um subterfúgio eficaz para uma crítica severa de sua cultura. Pois mesmo enquanto ela dramatiza sua própria alienação em uma sociedade que ela não pode fugir ou transcender, ela subverte as convenções da ficção popular para descrever a vulnerabilidade solitária de meninas cujas vidas, embora mais mundanas, são tão frustradas quanto aquelas sobre as quais elas leem tão obsessivamente (GILBERT E GUBAR, 2020, p. 121)⁶.

Dentro desse tecido social opressor, Jane Austen foi capaz de criar obras literárias subversivas, contudo, de acordo com Simone de Beauvoir:

uma literatura de reivindicação pode engendrar obras fortes e sinceras [...]; entretanto como Virgínia Woolf o observa, Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot tiveram que despende negativamente tanta energia, para libertar-se das pressões exteriores, que chegam algo ofegantes a esse ponto de onde partem os escritores masculinos (BEAUVOIR, 2009, p. 910-911).

Beauvoir observa que as escritoras mulheres, por estarem presas às convenções sociais, tinham que lutar muito para conseguirem as mesmas façanhas que os homens no campo das artes. Jane Austen, assim como outras mulheres, foram exceções à regra, pois ousaram escrever em uma sociedade que as preparavam para outro destino. Pode-se dizer que as predecessoras de Austen

⁶ Tradução nossa. No original: “Austen makes a virtue of her own confinement, as her heroines will do also. By exploiting the very conventions she exposes as inadequate, she demonstrates the power of patriarchy as well as the ambivalence and confinement of the female writer. She also discovers an effective subterfuge for a severe critique of her culture. For even as she dramatizes her own alienation from a society she cannot evade or transcend, she subverts the conventions of popular fiction to describe the lonely vulnerability of girls whose lives, if more mundane, are just as thwarted as those they read about so obsessively” (GILBERT and GUBAR, 2020, p. 121).

foram corajosas e Austen, possivelmente, nelas se inspirou, pois viveu no mesmo período em que estavam surgindo as primeiras reivindicações feministas.

Quanto à circulação de suas obras, no final do século XIX percebe-se o desaparecimento de *A família Elliot, ou a inclinação antiga* nos anúncios de vendas nos jornais e o que se vê é a ascensão de Jane Austen com as traduções de seus romances no Brasil a partir da década de 1940. De acordo com Raquel Sallaberry Brião (2017), a primeira obra austeniana traduzida para o português brasileiro foi *Orgulho e preconceito* em 1940, por Lúcio Cardoso, e publicado pela editora José Olympio. Essa publicação ocorreu no mesmo ano em que o romance foi adaptado para o cinema pela Metro-Goldwyn-Mayer (MGM). O filme foi dirigido por Robert Z. Leonard e estrelado por Laurence Olivier (Mr. Darcy) e Greer Garson (Elizabeth Bennet). Depois desse filme estadunidense lançado em julho de 1940, o romance traduzido no Brasil é posto à venda no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro no dia 22 de dezembro daquele mesmo ano. Brião (2017) afirma que as informações sobre o filme constavam na capa interna da primeira edição brasileira. Lúcio Cardoso, em sua introdução à obra por ele traduzida, relembra que:

Os críticos levantaram muitas objeções contra os seus livros, lembrando a inexperiência dessa moça obscura que ousara retratar com tão feroz realidade a sociedade e os hábitos da velha Inglaterra. Sua vida foi avidamente investigada e alguém chegou a lembrar que ela não poderia descrever paixões, pois nunca as tinha conhecido [...]. Mas a verdade é que, apesar de tudo, os livros de Jane Austen atravessam os anos dotados de uma assombrosa vitalidade (CARDOSO, 2022, p. 6).

Nos anos seguintes, os outros romances de Jane Austen foram traduzidos e publicados no Brasil. *Persuasão* – que aqui circulou no Oitocentos em português europeu – foi traduzido para o português brasileiro em 1971, por Luiza Lobo, e publicado pela editora Bruguera. Curiosamente, nesse mesmo ano, a obra teve

sua primeira adaptação em seriado pela britânica TV Granada/BBC, com Anne Firbank no papel de Anne Elliot e Bryan Marshall como Frederick Wentworth⁷.

De acordo com Britto (2022): “tradução literária é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada” (BRITTO, 2022, p. 47). Desse modo, foi a partir da década de 1940 que o público leitor do Brasil começou a ter as obras de Jane Austen traduzidas de maneira a preservar suas marcas literárias, algo que havia sido deixado de lado na primeira tradução portuguesa que aqui circulou ao longo do século XIX.

Portanto, a partir do primordial estudo de Vasconcelos (2016) sobre os circuitos e travessias de *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, buscou-se aprofundar as investigações sobre a obra em fontes primárias, rastreando suas pistas na Hemeroteca Digital, o que permitiu localizar outros lugares e datas, ampliando assim o conhecimento acerca da circulação da obra no Brasil oitocentista. Observamos também como se deu a primeira tradução brasileira de *Orgulho e preconceito*, um século depois da primeira circulação da tradução portuguesa de *Persuasão*.

Nessa trajetória, possivelmente, o mais relevante seja observar que já nas primeiras resenhas sobre Jane Austen, críticos brasileiros argumentavam sobre a importância da autora como romancista e observavam que sua escrita literária contém marcas sutis e irônicas de subversão feminina, como condiz a uma mulher de letras à frente do seu tempo.

⁷ Disponível em: <https://reginajeffers.blog/2018/01/22/the-film-adaptation-of-persuasion-1971/>
Acesso em: 14/01/2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse artigo foi investigar em fontes disponíveis na Hemeroteca Digital a presença de Jane Austen no Brasil do século XIX a partir do estudo de Sandra Vasconcelos intitulado *Circuitos e Travessias: o caso da Família Elliot* (2016). Dessa forma, foi possível rastrear outros lugares e datas acerca da circulação da obra austeniana no Brasil do Oitocentos; observou-se também que a circulação de *Persuasion*, traduzida como *A família Elliot, ou a Inclinação antiga*, esse deu sem indicação de autoria.

Entretanto, nas décadas finais do século XIX, os intelectuais brasileiros já resenhavam Miss Austen nas páginas literárias dos periódicos da época como um dos pilares do gênero romance. Observa-se também que a escrita literária de Jane Austen e de outras escritoras foram, aos poucos, resgatadas através da luta das mulheres por direito à educação formal, dentre outras reivindicações. Com o público leitor crescente, intelectuais brasileiros sentiram a necessidade de traduzir as obras dessas escritoras mulheres, e então, na década de 1940 *Orgulho e preconceito* se torna o primeiro romance austeniano traduzido e publicado no Brasil. Após o sucesso da obra, não demorou muito para que os outros romances da autora fossem também traduzidos para o português brasileiro.

Lida por seus contemporâneos, Jane Austen teve relevância em seu tempo. Contudo, suas narrativas irônicas e sarcásticas foram, de certo modo, abafadas pelos escritores vitorianos. Traduzida de “forma livre” na França e em Portugal, sua obra ganha um certo sentimentalismo melodramático. A partir de então, através do comércio livreiro, chega ao Brasil e circula primeiramente em Pernambuco e depois no Rio de Janeiro. Como vimos, mais de um século depois *Persuasão* é traduzido ao português brasileiro por Luiza Lobo que reaviva o tom irônico e reivindicatório da escritora inglesa, uma vez que: “Como Machado de Assis e Proust, Jane Austen trabalha corrosivamente sobre os valores da sociedade que focaliza, como numa verdadeira arte em miniatura” (LOBO, 2019,

p. 8). Esperamos ter contribuído, assim, para a ampliação dos estudos acerca dessa escritora que, por meio de estilo irreverente, irônico e questionador, chegou aos dias atuais como verdadeiro *best seller*, tendo suas obras traduzidas e editadas por diferentes casas, no Brasil e em demais países, alcançando milhares de leitores em diversas partes do mundo.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *A família Elliot, ou a inclinação antiga*. Trad. do francês por M.P.C.C.d'A. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1847.

_____. *Persuasão*. Trad. Luiza Lobo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. *Persuasion*. London: Randon House, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2v. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRIÃO, Raquel Sallaberry. *Issue 19: The First Brazilian Translation*. Fonte: [<https://janeaustenlf.org/pride-and-possibilities-articles/2017/8/26/issue-19-the-first-brazilian-translations>] Acesso em 25/09/2022.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

BURGESS, Antony. *A literatura inglesa*. Trad. Duda Machado. 2. ed. 6ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

CARDOSO, Lúcio. Introdução. In. AUSTEN, Jane (org.). *Orgulho e preconceito*. Trad. Lúcio Cardoso. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. p. 5-6.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GILBERT, S. M.; GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. 2.. ed. New Haven: Yale University Press. Veritas paperback edition, 2020.

LACERDA, Danielle Christine Othon. As livrarias do Recife: estratégias comerciais dos livreiros na primeira metade do século XIX. In: *ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História*. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:

[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628574730_ARQUIVO_e_d78642a128a4e4be90c939521141ec9.pdf] Acesso em 25/08/2022.

LOBO, Luiza. Introdução. In: AUSTEN, Jane (org.). *Persuasão*. Trad. Luiza Lobo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 5-12.

REEF, Catherine. *Jane Austen: uma vida revelada*. Trad. Kátia Hanna. Barueri, São Paulo: Novo Século Editora, 2014.

SANTOS, Tassiane Andreza Damiano dos. *O romance de sensação inglês no Brasil Oitocentista: Um estudo sobre Um Crime Misterioso de Mary Elizabeth Braddon*. 2022. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras Literatura). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Belém.

SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura inglesa para brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Circuitos e Travessias: o caso da família Elliot. In: ABREU, Márcia (org.). *Romances em Movimento: A Circulação Transatlântica dos Impressos (1789 – 1914)*. Capinas: Editora Unicamp, 2016. p. 135 – 157.

_____. Uma escultura entalhada em marfim. In: AUSTEN, Jane (org.). *Orgulho e preconceito*. Trad. Carol Choivatto. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021. p. 437-445.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Edição comentada do clássico feminista. Trad. Ivânia Pocinho Motta. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 19 de abril de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de novembro de 2023.